

# PROCESSO DE ACULTURAÇÃO DE FAMÍLIAS CIGANAS EM MOGI MIRIM/SP: ESTUDO EXPLORATÓRIO NO ANO DE 2009\*

**GAETA, Fernanda**

Faculdade Santa Lúcia.

*Fernanado\_gaeta@hotmail.com*

**PACCHIONI, Margareth M.**

Faculdade Santa Lúcia

*mmpacchioni@uol.com.br*

## RESUMO

*Este trabalho é fruto da observação da presença de famílias ciganas no município de Mogi Mirim/SP. Daí surgiu o interesse em conhecer a origem histórica e cultural desse povo. Partiu-se da hipótese de que a fixação das famílias ciganas provoca um processo de aculturação e isso compromete elementos culturais do grupo cigano. Os objetivos desta pesquisa foram conhecer o processo de influência das diferentes culturas na formação do povo cigano, identificar a origem e a cultura dos ciganos que vivem no município e seus respectivos modos de vida, hábitos e costumes. Também, buscou-se identificar a questão do preconceito contra os ciganos. Desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa através da técnica de estudo de caso. Os resultados mostram que o processo de aculturação influencia na assimilação dos valores vigentes em nossa sociedade, mas não inibem a manutenção de hábito e costumes próprios do grupo cigano. Os ciganos entrevistados, que até pouco mais de sete anos não tinham morada fixa,*

---

\* Este artigo é resultado de Projeto de Iniciação Científica subsidiado pela Faculdade Santa Lúcia no ano de 2009, à aluna bolsista Fernanda Gaeta, desenvolvido sob a orientação da Prof. MSC Margareth M. Pacchioni, do Curso de Serviço Social.

*são unidos em torno da família extensa e preservam alguns de seus costumes, mas não mostraram conhecimento sobre a história de seu povo e nem possuem informação sobre a origem de seus costumes.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *cultura; aculturação; cultura cigana; preconceito; Mogi Mirim.*

## INTRODUÇÃO

Este artigo traz aspectos gerais da cultura dos ciganos, em que se busca compreender sua origem histórica, cultural, seus costumes e tradições. Na pesquisa de campo buscou-se identificar o modo de vida dos ciganos que estão fixados em Mogi Mirim/SP, no período de março a outubro de 2009, quando se realizou esta pesquisa.

A fixação da população cigana nas cidades resulta em um processo de aculturação, pois com o passar do tempo assimilam o modo de vida da sociedade em que estão inseridos. No entanto, sempre preservam costumes e tradições do seu grupo étnico. Compreender esta dinâmica é importante para resgatar um pouco da história do povo cigano, perceber a forma como se relacionam e se adaptam e também, suas dificuldades e formas de resistência.

Os objetivos desta pesquisa foram conhecer o processo de influência da cultura ocidental e o processo de aculturação vividos pelos ciganos que estão fixados no município de Mogi Mirim/SP; identificar a origem e o modo de vida dos ciganos, estudar a história de vida, costumes e meios de inserção social dos grupos de ciganos nômades e com moradia fixa. Procurou-se também identificar se são ou se sentem discriminação socialmente.

Os principais questionamentos feitos foram: Qual a origem e cultura do povo cigano no Brasil? Por que se fixaram no município de Mogi Mirim? Como vivem, quais seus costumes e suas tradições? O que assimilam do nosso modo de vida? Se eles se sentem discriminados e se sofrem preconceito social?

Para Baçan (1999), tudo que está relacionado ao povo cigano é largamente baseado em conjecturas, similaridades ou suposições, pois se trata de um povo nômade. O povo cigano historicamente possui um modo de vida isolado em relação aos demais povos, até hoje não se tem um estudo científico específico para constatar a sua origem. E a tradição cultural

cigana é repleta de mistérios, lendas e perseguições, pois seu povo sofreu um longo caminho de fugas por não terem uma pátria.

Desde a Idade Média, o povo cigano sofreu em diferentes momentos históricos muitos preconceitos e discriminação social. Por onde passavam eram acusados pela prática de quiromancia e classificados como bruxos. Na era moderna, o povo cigano foi classificado como de cultura exótica e, por isso, discriminado pela sociedade. Na contemporaneidade, os ciganos vivem os estigmas deixados por seus antepassados e sua cultura continua sendo desconhecida pela sociedade (BAÇAN, 1999).

Com as transformações sociais principalmente nos séculos XIX, e XX e o peso dessas mudanças nas diversas culturas, houve um processo de aculturação que influenciou diretamente os ciganos em vários lugares do mundo. Este processo de aculturação foi uma adaptação natural às culturas com as quais eles conviviam nos diferentes países, que se constituiu num processo de adaptação aos costumes e modo de vida das sociedades locais (BAÇAN, 1999).

Tratando-se de diferentes culturas, abordou-se também a questão da aceitação e do respeito à diversidade como um dever de todos. E, como profissionais do serviço social, foram lembrados alguns dos princípios éticos estabelecidos no Código de Ética dos assistentes sociais que são a liberdade, a democracia, a não discriminação de classe, gênero, etnia, religião e nacionalidade.

## 2. CONCEITO DE CULTURA E ACULTURAÇÃO

Para Santos (1983, p. 8), não há cultura ou tradição que não seja ligada a uma dada sociedade histórica e geograficamente situada. “Cultura diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.” Para Warnier (2003, p.13): “[...] uma cultura não pode viver ou transmitir-se independentemente da sociedade que a alimenta, reciprocamente, não há nenhuma sociedade no mundo que não possua sua própria cultura.”

Para Rocher (1999), cultura se refere a um conjunto ligado à maneira de pensar, de sentir e de agir apreendida e compartilhada por muitas pessoas. Entende-se, então, que cultura, de uma forma objetiva e simbólica, organiza as pessoas numa coletividade particular e distinta.

Conforme afirma Sarti (2003, p. 27):

[...] não há realidade humana exterior à cultura, uma vez

que os seres humanos se constituem em cultura, portanto, simbolicamente. Quando ouvimos as primeiras falas, não aprendemos apenas a nos comunicar; captamos, acima de tudo, uma ordem simbólica, ou seja, uma ordenação do mundo pelo significado que lhe é atribuído segundo as regras da sociedade em que vivemos [...].

Para Warnier (2003, p.23), toda cultura é transmitida por tradições e reformuladas em função dos contextos históricos específicos.

[...] toda cultura é singular, geograficamente ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação dos grupos e dos indivíduos de diferenciação diante dos outros, bem como fator de orientação dos autores, uns em relação aos outros e em relação ao seu meio [...].

Segundo Ortiz (2000, p. 75), “[...] as culturas entram em contato por meio das relações entre os homens e a base referencial deve ser um grupo, conjunto de indivíduos que se desloca espacialmente, os impactos ou as identificações decorrentes se faz sempre no seio de um território, nação, cidade, ou bairro.”

Para Santos (1983, p.23), há duas concepções básicas de cultura: “[...] a primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo.”

Ainda para Santos (1983, p.45) “[...] Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social.” Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que ela passa a ter. O conteúdo de cada cultura particular é o produto da história de cada sociedade.

A partir dos estudos sistemáticos e detalhados de muitas culturas, Santos (1983) afirma que é possível destruir os falsos argumentos e concepções preconceituosas sobre cultura. Não existe relação necessária entre características físicas de grupos humanos e suas formas culturais, nem tampouco a multiplicidade das culturas implica quebra da unidade biológica da espécie humana. A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades da vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza.

Warnier (2003,p.24) afirma que “[...] as culturas são feitas de práticas e de crenças religiosas, educativas, alimentares, artísticas, lúdicas. Elas pertencem também às regras de organização da família, do parentesco e dos grupos políticos. As práticas e crenças ligadas ao corpo, à saúde, a doenças têm um lugar importante na cultura. Para transmiti-las, assimilá-las, é preciso tempo.”

Segundo Ortiz (2000), a transmissão de cultura se impõe em um processo pelo qual os elementos ou sistemas culturais se espalham e isso está ligado à tradição. Na medida em que a cultura material passa para outra, essa é entendida como a transmissão de conteúdos culturais, de uma geração para outra ou de um grupo da população para outros.

Já para Santos (1983, p.18), “[...] as culturas e sociedades humanas se relacionam de modo desigual.” As relações internacionais registram desigualdades de poder em todos os sentidos, os quais hierarquizam de fato os povos e nações; é um fato evidente da história contemporânea e não há como refletir sobre cultura ignorando essas desigualdades.

As migrações trazem seus traços culturais de uma área para outra. Segundo Ortiz (2000), fica claro como ocorre o conceito de aculturação. Quando se realiza o contato de grupos provenientes de dois universos diferentes e resulta nas mudanças nos padrões culturais de um grupo para o outro.

Sarriera (2004, p.197-198) traz o seguinte conceito: “Entendemos por aculturação o processo de mudança que acontece quando pessoas ou grupos, procedentes de diferentes contextos culturais, entram em contato regular com outra cultura no meio da qual têm que refazer suas vidas.”

O processo de aculturação é considerado, também, como um modelo bipolar, ou seja, um processo assimilativo ou não, “[...] pois as minorias adquirem ou não comportamentos e valores da sociedade de acolhimento, o que conduz à existência de indivíduos com elevada aculturação e indivíduos com baixa aculturação e assim respectivamente [...]” (ALEXANDRE, 2003 p.16).

Tratando-se do povo cigano, Magano (2008, p. 6) enfatiza que “O processo de aculturação influencia a identidade social cigana, com a integração de valores e atitudes proporcionando novos tipos sociais que se afastam do tradicional, mas também não são completamente identificados com o modelo dominante”.

Ainda para Magano (2008, p.6) “[...] alguns ciganos defendem que a cultura cigana tem necessariamente de evoluir no sentido de ser capaz de enfrentar novos desafios e novas oportunidades sociais”.

O povo cigano em geral, cuja história milenar é nômade, passou

por constantes processos de adaptações culturais, assimilação do modo de vida de vários países e se integrando às várias culturas (ROSSI, 2007).

Lembrando Brandão (1986, p.46):

[...] Diferenças biológicas (cor de pele, tipo de olhos ou cabelos) e diferenças culturais (forma de organização do trabalho comunitário, regras de casamento, códigos de orientação do comportamento, crenças religiosas) até algum tempo atrás qualificadas como diferenças raciais, podem ser pensadas como diferenças étnicas [...].

Assim, o autor afirma que “O sistema de relações sociais e simbólicas que resulta da convivência entre duas tribos diferentes, ou entre uma delas e os brancos, pode ser um sistema interétnico, e um dos seus componentes é a identidade étnica” (BRANDÃO, 1986, p. 46-47).

Neste processo de convivência entre diferentes grupos culturais e de cultivo da identidade étnica, serão discutidas a questão da tolerância e as formas de resistência e manutenção da identidade cultural do povo cigano.

### **3. TOLERÂNCIA, DIVERSIDADE E IDENTIDADE CULTURAL**

Em se tratando da questão cultural e da relação entre seres humanos, cabe refletir sobre o conceito de tolerância.

O conceito de tolerância envolve o respeito à diversidade e consiste no direito básico de cada povo ter a sua identidade cultural preservada, livre de formas de dominação econômica ou ideológica, que possam vir a provocar situações de exclusão no que se refere ao acesso a uma vida digna (CARDOSO, 2003).

Identidade pode ser entendida como um conceito que explica o sentimento e a consciência pessoal de um indivíduo ou, e ao mesmo tempo, as representações simbólicas e valorativas de um grupo social (BRANDÃO, 1986).

Ainda segundo Brandão (1986, p. 42):

[...] as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro [...]. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença. A construção das imagens com que sujeitos e povos se percebem passa pelo emaranhado de suas culturas, nos pontos de intersecção com as vidas individuais [...].

Para Santos (1983), é importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade. Isso é de fato essencial para compreender melhor o país em que vivemos. Mesmo porque essa diversidade não é só feita de idéias, ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais no país. A diversidade também se constitui nas maneiras diferentes de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo, dessa forma, para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas muitos grupos ou segmentos de pessoas.

Tratando-se da diversidade cultural dos ciganos, Rossi (2007, p.71) afirma que:

[...] Ciganos são iguais no todo, e diferentes nos detalhes. Toda história dos ciganos é, na verdade, uma viagem nas línguas, nas estéticas, nas políticas antivagabundos e antiartistas, nas religiões, nas concepções de mundo, com os quais vários grupos ciganos, sucessivamente e contraditoriamente, tiveram contato. Nisso a universalidade dos ciganos se manifesta [...].

Toda sociedade, grupos de pessoas, possui cultura e costumes diferenciados, e aqueles que não seguem o modo de ser da maioria, são considerados diferentes. Para Silva (2006), a cultura realiza um tipo de coerção, de sanção para aqueles que não estão dispostos a reproduzir o padrão dominante.

Para Cardoso (2003), a valorização da diversidade significa, ao mesmo tempo, a valorização de identidades, o fortalecimento da identidade cultural e a consciência de seu próprio valor, passando a condição de um grupo ou povo ter possibilidade de diálogo com o outro, no plano da diversidade e não da desigualdade.

Para Santos (1983, p.12) “[...] cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes.”

Nesse processo de construção da identidade cultural, Rossi (2007, p.70) afirma que o povo cigano:

[...] não conhece todo o espaço cultural que o comporta, não sabendo, pois, ler todo o seu “mapa cultural”. Toda cultura, afinal, oferece uma margem de manobra para os seus membros. Há aspectos da identidade cigana compartilhados por todos os ciganos, outros que são compartilhados de cada subgrupo e ainda outros selecionados

pelo indivíduo num leque de opções. Cada cigano é portador de um conjunto singular de elementos dessa identidade, embora, não haja uma noção de individualidade tal como no mundo ocidental. A solidariedade tão distante hoje do universo capitalista ocidental se faz presente na tradição cigana [...].

#### 4. A ORIGEM E CULTURA DO POVO CIGANO

Segundo Baçan (1999), as lendas cercam a existência do povo cigano. Uma das mais antigas, contadas de boca a boca pelos anciãos das tribos, falam que o povo hoje chamado de cigano originou-se dos descendentes dos anjos caídos que se juntaram com as filhas dos homens, conforme descrito no Livro Apócrifo<sup>1</sup> de Enoque<sup>2</sup>.

Outra lenda é a do Ladrão do Quarto Cravo da Crucificação, que conta que no momento da crucificação, um cigano roubou o quarto cravo, impedindo que cada um dos pés fosse pregado separado, tornando menos sofrível o martírio do condenado. Foi ele amaldiçoado pelos discípulos e pelos seguidores de Cristo, que pediram a Deus que o ladrão do quarto cravo e toda sua descendência fossem banidos para sempre daquelas terras, tendo que se espalhar pelo mundo sem unidade (BAÇAN, 1999).

Ainda para Baçan (1999), não se tem ao certo a real origem do povo cigano. Seu modo de vida isolado em relação aos demais povos, fez com que muito pouco se soubesse sobre eles, sua origem, as lendas que cercam sua existência entre outros mistérios. Sendo assim, tudo o que se diz a respeito de sua origem está largamente baseado em conjecturas, similitudes ou suposições.

<sup>1</sup> A palavra Apócrifo vem do grego *Apokryphos* e significa oculto ou não autêntico. Mas este termo é usado, principalmente para designar os documentos do início da era Cristã, que abordam também a vida e os ensinamentos de Jesus, mas não foram incluídos na Bíblia Sagrada por serem considerados ilegítimos (SPECTRON, 2009).

<sup>2</sup> A palavra hebraica para Enoque significa Homem ou Humanidade. Nos primeiros capítulos de Gênesis surgem dois Enoques: o primeiro Enoque é o terceiro desde Adão, pela via de Caím, mais especificamente, o primogênito de Caím que deu o nome à primeira cidade referida na Bíblia; o segundo Enoque é o sétimo desde Adão pela via de Sete. Acerca deste último muito tem sido pregado e escrito, embora a Bíblia nos dê pouca informação acerca deste personagem. O seu arrebatamento, justificado pelo misterioso andou com Deus, deixa inúmeras perguntas às quais não encontramos resposta: "Andou Enoque com Deus, depois que gerou a Matusalém, trezentos anos; e gerou filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos; Enoque andou com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus o tomou" (Gn 5:22-24). (SPECTRON, 2009, grifos nossos).

Para Rossi (2007), a origem mais admitida por todos os estudiosos, é que essa população cigana surgiu da Índia, de onde saíram para o Oriente Médio há cerca de mil anos, tendo chegado, depois, a várias regiões da Europa. As primeiras notícias sobre andarilhos que perambulavam pelo mundo, surgiram em 1322, como segue.

[...] mais tarde, já no final do século XIV ouve-se falar de uma gente de pele morena, coberta com panos coloridos, enfeites dourados e andar descalço que caminhavam juntos, sempre em frente, com suas crianças, velhos e cães em suas carroças. Nessa ocasião lhes era dado o nome de “cinjaribe”. E, assim, através dos tempos e pelo mundo afora, sempre se ouviu falar de andarilhos, saltimbancos, violinistas, leitores de sorte... Os ciganos (ROSSI, 2007, p.16).

Os dados da Barsa (1998), destacam que os primeiros ciganos vieram para o Brasil no século XVI e continuaram chegando nos dois séculos seguintes. Os estados da Bahia e Minas Gerais foram os primeiros centros de concentração cigana, ao tempo de colônia. Ainda hoje são numerosos por todo país. Distribuem-se de acordo com sua origem: os da antiga Iugoslávia habitam de preferência o Rio Grande do Sul, Bahia, Pará e Pernambuco; os da Romênia, São Paulo; os da Grécia, Rio de Janeiro. São mais de 15 milhões de ciganos em diferentes pontos da Europa, Ásia, África, América, Austrália e Nova Zelândia.

De acordo com Brasil (2007), a história dos ciganos no Brasil teve início no século XVI, e, de acordo com vários documentos históricos, o primeiro cigano a chegar no país foi o português João Torres, em meados de 1574; as informações indicam que ele chegou na condição de deportado.

Segundo Duarte e Zampa (2003), João Torres teve sua pena de prisão comutada das galés para cinco anos de degredo na Brasil, sendo acompanhado de sua família. Em terras brasileiras, os grupos desenvolveram diversas atividades profissionais, e por serem um povo nômade, rapidamente sua mobilidade foi aproveitada para o trabalho do comércio de escravos, de animais e de objetos pelo interior do país. Os ciganos atuaram como caldeireiros, ferreiros, latoeiros, ourives, além das mulheres, que exerciam atividades ligadas à tradição da quiromancia e cartomancia.

Os documentos históricos de 1718 comprovam que a comunidade cigana em Salvador apresentou grande crescimento demográfico e econômico. Por ser a primeira capital brasileira, tornou-se também a mais importante cidade para os ciganos do Brasil. De Salvador saíram muitos ciganos

rumo à região das minas, hoje Minas Gerais. Nesse tempo, em Minas existia um decreto ladrões salteadores de que qualquer cidadão podia prender ciganos e entregá-los na cadeia mais próxima, podendo a pessoa tomar-lhes todos os bens, ouro, roupas ou cavalos, e seriam banidos aqueles que se encontrasse em sua companhia ou lhes hospedasse em suas casas ou fazendas (TEIXEIRA, 2007).

Para Rossi (2007, p. 49) “[...] a itinerância trata-se de uma estratégia secular cigana para a manutenção de sua identidade étnica e autonomia frente às determinações e cerceamentos das sociedades envolventes”.

Em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, os ciganos aproveitaram-se do crescimento populacional e econômico da cidade do Rio de Janeiro para aumentar o comércio de escravos de segunda mão. Assim, utilizando-os para a venda, além dos mercados da capital, também comercializavam os cativos por todo o interior do país, destacando-se, sobretudo, em Minas Gerais. Nesse período, alguns grupos foram mais valorizados e aceitos por realizarem o comércio de escravos<sup>3</sup>, chegando os ciganos mais ilustres a patrocinar festas na Corte. Em 1810, destacou-se uma participação de ciganos artistas, quando o grupo executou várias danças na comemoração do casamento da filha de Dom João VI e D<sup>a</sup> Maria Teresa, com infante Dom Pedro Carlos (DUARTE; ZAMPA, 2003)

A dança é uma expressão marcante da cultura cigana conforme lembra Rossi (2007): “As danças ciganas, em especial as ritualísticas, têm no corpo o local da expressão divina”<sup>4</sup>. Conforme Rossi (2007, p. 191), para os ciganos “Deus é multifacetário, assim, se manifestando através das facetas da eternidade [...] as danças rituais dão instrumentos de manutenção das tradições e poderosos pontos de união entre os membros do clã e as divindades, ou seja, a própria natureza”.

De acordo com Duarte e Zampa (2003), os ciganos não representam um povo compacto e homogêneo; mesmo pertencendo a uma única etnia, eles possuem castas diferentes. Entre as diversas castas, há aquelas

<sup>3</sup> O comércio de escravos era uma tarefa essencial na economia colonial. A escravidão (denominada também escravismo, escravagismo e escravatura) é a prática social em que um ser humano tem direitos de propriedade sobre outro designado por escravo, ao qual é imposta tal condição por meio da força. Em algumas sociedades, desde os tempos mais remotos, os escravos eram legalmente definidos como uma mercadoria. Os preços variavam conforme o sexo, a idade, a procedência e destino, pois os que iam para as minas de ouro valiam muito mais (TEIXEIRA, 2007).

<sup>4</sup> Todas as danças ciganas, mesmo as danças festivas apresentam vínculo com o sagrado. Nem todas objetivam a prescrição de uma tradição cultural, ou revivem um mito de origem, mas inevitavelmente pelas danças solidificam-se memórias e práticas corporais ciganas, dão sentido à festa (ROSSI, 2007, p. 191).

que possuem rivalidades, eles não se comunicam entre si. Existe a hipótese de que a migração desde a Índia tenha sido fracionada no tempo, e que desde a origem fossem divididos em grupos e subgrupos, falando dialetos diferentes. O Romanês é o idioma do povo cigano, é o vocabulário que se originou pela mistura de muitos outros, resultado de suas andanças pelos diversos países.

Para compreensão da história dos ciganos, deve-se conhecer a principal distinção cigana, suas tribos. Segundo Rossi (2007), no Ocidente os ciganos são divididos em três grandes grupos ou *natsias*<sup>5</sup>: *Rom*, *o Sint* ou *Manouch* e *o Calón*. O grupo *Rom* possui subgrupos ou *vitsas*<sup>6</sup> com denominações próprias: os *Kalderash*, *Matchuara*, *Lovara*, *Tchurara*, *Vlax Romani*. Para Rossi (2007), esses grupos tiveram sua história profundamente vinculada à Europa Central. “[...] o subgrupo *Kalderash*, auto-proclama a mais autêntica e nobre entre as comunidades ciganas, [...] a *Vlax Romani*, considerada, por muitos como portadora da verdadeira língua cigana. O grupo *Sint* ou *Manouch* é numericamente expressivo em terras ocidentais, na Alemanha e França.” (ROSSI, 2007, p.56).

Segundo Strada (1998), o povo cigano é guardião da liberdade. Para ela, o grande lema dos ciganos é que o céu é o teto e a terra é a pátria deles e a liberdade é a religião. Ela diz que essas expressões traduzem o espírito dos ciganos, essencialmente, nômade e livre.

De acordo com Brasil (2007), estima-se que existam mais de 10 milhões de ciganos em todo o mundo e, no Brasil, algumas fontes divulgam a existência de mais de 670 mil ciganos. Eles são alegres, unidos entre seus pares, valorizam a família, apreciam a realização de festas e da dança, amam a liberdade e gostam de cores fortes e vivas nas peças do vestuário.

#### 4.1 VALORES SOCIAIS E A QUESTÃO DO PRECONCEITO

Segundo Sung e Silva (1995 p. 36), a Era Moderna “[...] passa a valorizar o indivíduo, em detrimento da coletividade, ao contrário de antigamente, que valorizava o coletivo em detrimento do indivíduo”.

Para Magano (2008), o progresso consiste na participação dos indivíduos na sociedade pela atividade profissional, aprendizagem das normas, do consumo material e adoção dos comportamentos familiares e

<sup>5</sup> *Natsia*, palavra do dialeto romani que significa literalmente nação ou povo (ROSSI, 2007, p.56).

<sup>6</sup> *Vitsas*, em romani aproxima-se da palavra descendência (ROSSI, 2007, p.56).

culturais, as trocas e a participação na sociedade de acordo com o sistema estabelecido.

Na sociedade, os grupos sociais e culturais vão interagir no mesmo espaço e nos mesmos contextos. “E os indivíduos ciganos movem-se em vários contextos recebendo múltiplas influências que se traduzem em diferentes formas de manifestações, umas mais visíveis, as que mais contrastam com as normas aceitas socialmente, e outras mais invisíveis, por parte dos que estão integrados ou se querem integrar” (MAGANO, 2008, p.5).

Ainda lembrando Magano (2008), os ciganos têm várias referências culturais, passam por diferentes percursos e por diferentes relações com a sociedade, por isso existem ciganos mais adaptado aos sistemas sociais do que outros.

Tratando-se da assimilação e transmissão de valores sociais, lembramos Queiroz (1996, p.10) “[...] a percepção que temos do ‘outro’, do estranho, do diferente não acontece de maneira abstrata, nem desinteressada. Todos nós enxergamos o mundo através das lentes, dos filtros que nos são fornecidos pela nossa cultura e seus valores religiosos, familiares, etc.”

Segundo Ferreira (1999), entende-se que preconceito é um conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida; julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

Para Queiroz (1996, p. 57) “Os seres humanos não nascem preconceituosos, ou seja, o preconceito não é um fenômeno natural, instintivo ou inevitável. Ao contrário, atitudes, sentimentos e comportamentos preconceituosos são aprendidos, interiorizados pelas pessoas desde a mais tenra idade.”

Para Baçan (1999), o objetivo dos preconceitos sempre foi o mesmo: desviar a atenção das pessoas dos reais problemas de sua sociedade sedentária, acusando gratuitamente uma cultura que não aceitam apenas porque não conseguem ou não querem entender.

Ainda segundo Baçan (1999), historicamente, o povo cigano vem sendo tratado de forma discriminada pelas sociedades onde vivem. Os ciganos chamam a atenção quando chegam a um determinado local pelo seu modo de se vestir, andar, falar, pelas jóias que usam, pelo ouro nos dentes, pulseiras, colares e brincos. Por serem diferentes e viverem em grupos fechados, sofrem mais preconceitos sociais. O preconceito contra os ciganos não é local, ele é histórico e é reproduzido de geração a geração. Na antiguidade, o povo cigano já era citado em lendas, ligadas à bruxaria, a

acusações de roubo.

Para Sung e Silva (1995, p. 31):

[...] O diferente é aquele que com sua simples presença e modo de ser nega a validade 'eterna' e absoluta da cultura vigente. É aquele que revela que existe um modo distinto de responder aos desafios e perguntas colocadas pela vida. [...] O diferente é aquele que não nos deixa esquecer que a insegurança, a provisoriedade e a relatividade fazem parte da nossa condição humana [...].

De acordo com Brasil (2007), os ciganos enfrentam grandes problemas no Brasil, como o preconceito. Há ainda os obstáculos de acesso aos documentos de identificação civil obrigatórios, de acesso à saúde pública, ao ensino e à permanência na escola. Além disso, existem as dificuldades relativas à inclusão social e cultural e à preservação das tradições, das práticas e do patrimônio cultural. Diante de tal quadro, a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (2007) continuará trabalhando, com base nas propostas e nos resultados apontados pelo Grupo de Trabalho sobre a Cultura Cigana, para favorecer o processo de inclusão social das famílias ciganas.

A questão do preconceito é um assunto que tem preocupado bastante psicólogos e assistentes sociais. De acordo com Pereira (2002), mesmo sendo capazes de detectar a importância dos fatores cognitivos, sociais e culturais na sua formação, se reconhece como é difícil a superação dos preconceitos.

## 4.2 O SERVIÇO SOCIAL E OS PRINCÍPIOS ÉTICOS

O código de ética do assistente social (CFESS, 1993) estabelece entre seus princípios fundamentais a eliminação de todas as formas de preconceito, seja ele o preconceito racial, de gênero, de etnia, religião ou nacionalidade. Cabe aos assistentes sociais pensar a ética a partir de uma concepção abrangente no que se refere aos direitos universais da pessoa.

[...] A ética é a referência valorativa que estabelece os parâmetros das relações dos indivíduos com a sociedade. Ela se preocupa com as formas de resolver as contradições entre necessidade e possibilidade, tempo e eternidade, individual e coletivo, interesses econômicos e valores morais, corporal e psíquico, natural e cultural, razão e desejo. Todos os problemas que surgem na esfera da ética são determinados

por contextos históricos específicos e, conseqüentemente, os valores existem independentemente das avaliações dos indivíduos, mas não das atividades dos homens, pois eles são expressão de relações e situações sociais [...]. (PAIVA, 2007, p. 108-109)

Para Paiva (2007, p. 208), os assistentes sociais devem estar preparados para combater seja “[...] o individualismo, o machismo, o racismo, a subserviência, a homofobia, o comportamento autoritário, a perseguição, mesmo que dissimulada, aos que de nós divergem, e a recompensa fortuita aos que conosco concordam.” A autora afirma que o assistente social deve, de uma forma clara e objetiva, valorizar as diversidades culturais e, conseqüentemente, respeitar e divulgar as diferentes expressões dos povos. Deve lutar pela garantia dos direitos sociais, pelo fortalecimento da cidadania e pela eliminação de todas as formas de preconceito e discriminação social.

Ainda conforme Paiva (2007), o assistente social trabalha numa esfera onde os confrontos de valores culturais e sociais são muito presentes. A autora questiona: como podem os assistentes sociais se oporem ao problema do preconceito e da discriminação?

Para Brites (2007, p.123), a reflexão ética “é um dos instrumentos que permitem a compreensão dos limites e possibilidades de atuação profissional frente aos desafios colocados pela modernidade, na medida em que indaga sobre a realização objetiva dos valores que se assumem.”

Lembrando Paiva (2007, p.193):

[...] a ética é engendrada historicamente e determinada pela cultura, sendo aquele seu feixe de valores produto da luta pela afirmação da condição humana. A realização gradual e contínua da humanidade se expressa sob o signo da genericidade - materializada em exigências sociais, idéias, instituições etc., que foram construídas coletivamente e que também foram capazes de atravessar diferentes épocas e sociedades, mantendo-se viva e válida a sua capacidade valorativa e emancipadora para os indivíduos [...].

## **5. METODOLOGIA DE IDENTIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ACULTURAÇÃO DAS FAMÍLIAS CIGANAS EM MOGI MIRIM**

Inicialmente realizou-se a pesquisa bibliográfica e fichamentos com intuito de produção do referencial teórico sobre o tema.

Optou-se pela abordagem qualitativa, que é realizada quando não é possível mensurar os dados investigados. A pesquisa de campo possibili-

tou um encontro com os sujeitos a partir do local em que vivem e compreensão que eles possuem sobre o seu contexto histórico e cultural. “A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo e objetivo e a sua subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2003, p. 79). As técnicas mais utilizadas na pesquisa qualitativa são história de vida, história oral, observação participante, estudo de caso, análise de conteúdo, entrevista, pesquisa, ação e estudos etnográficos (BAPTISTA, 1994).

A pesquisa foi realizada com os seguintes instrumentos: entrevista direta semi-estruturada com o uso do questionário como roteiro, a escuta, a observação, o diário de campo e o estudo de caso. Enquanto uma forma particular de investigar a realidade, o estudo de caso tem um grande significado no serviço social, sendo assim, importante compreender as condições que fazem com que os estudos de caso sejam adequados pelos assistentes sociais e levados a sério pela ciência (DINIZ, 1994).

## 5.1 PERFIL DOS SUJEITOS

O estudo de caso foi realizado entre os meses de março a outubro de 2009. Os sujeitos de pesquisa foram designados pelos seguintes pseudônimos:

- Rosa: 52 anos, casada. Reside com todos os seus filhos, noras, genros e netos em casa de alvenaria na Zona Leste da cidade. É analfabeta, viveu como nômade até cerca de dez anos atrás. Todas as crianças frequentam a escola do bairro. É nora de Bromélia, casada com seu filho mais velho, líder do grupo familiar;
- Bromélia: 75 anos, é casada, mãe de nove filhos casados. É analfabeta, reside com seu esposo de 78 anos numa das tendas do acampamento. Seu esposo está doente, esteve internado recentemente. É a cigana mais velha do grupo familiar;
- Margarida: 26 anos, é casada com o neto de Bromélia, mãe de dois filhos, um de 2 meses e uma menina de 6 anos. Também, é analfabeta e vive numa tenda com sua família;
- Cravo: 15 anos, é solteiro, e neto de Bromélia. Ele disse que sabe ler e escrever pouco, também não frequentou a escola. Vive com seus pais em casa de alvenaria e em tenda. Prefere ficar mais tempo na tenda;
- Flor de Lótus: é uma adolescente não cigana de 14 anos, que está morando com um neto de Bromélia há cerca de 9 meses, mas não são casados;

- Também foram entrevistadas duas mulheres não ciganas que tem amizade com os ciganos: Orquídea, de 53 anos e Lírio, de 57 anos.

## 5.2 DESCRIÇÃO DO LOCAL E DOS SUJEITOS

Os ciganos que fizeram parte desta pesquisa estão localizados em dois bairros da cidade de Mogi Mirim/SP. A família entrevistada reside em casa de alvenaria há cerca de sete anos e as outras três famílias estão acampadas, ambas na zona leste da cidade, tendo se instalado há pouco meses naquele terreno apesar de estarem na cidade, também, há cerca de sete anos. O experimento trabalhou, então, com 4 famílias de ciganos.

No primeiro contato com a cigana que reside na casa, observou-se, que ao fundo tinha uma tenda vermelha e azul, no chão havia 3 ciganas sentadas (uma delas com criança no colo) e ambas estavam vestidas tipicamente. Existiam animais como pavão solto e dois cachorros. No segundo contato, no portão, observou-se duas ciganas de pele morena (ambas vestidas com saias rodadas coloridas combinando com a parte de cima da roupa detalhadas em rendas), descalças, cabelos amarrados e todos os dentes de ouro. Uma delas, que aparentemente é a mais velha, tinha os olhos verdes, anéis nos dedos e colares de ouro. Na casa existiam várias crianças, sempre ao lado das mulheres, e dois bebês, os quais estavam no colo. As meninas estavam vestidas com roupas típicas e os meninos com roupa de jeans e camiseta infantil, ambos descalços. As duas ciganas que nos atenderam e com as quais realizou-se a primeira conversa, tinham uma pinta que parecia ser tatuada do lado esquerdo do rosto, um pouco a cima da boca. Elas foram simpáticas e educadas e aceitaram que voltássemos outro dia para iniciar o estudo de caso.

No acampamento foi fácil o acesso, pois os ciganos estavam acampados em um terreno na zona oeste de Mogi Mirim, que é movimentado e não afastado do centro da cidade. O terreno era de esquina, com a frente e os fundos para residências, com cerca de quatro tendas. Em cada tenda observaram-se utensílios domésticos e pessoais, como sacolas, colchões, cobertores, painéis de alumínio. Quando chegamos, observou-se uma grande quantidade de mulheres, que levantaram curiosas para saber o que queríamos, e todas estavam vestidas tipicamente; observou-se a existência de dois homens ao fundo do terreno tomando banho de canequinha, e crianças (tanto meninas quanto meninos) correndo e brincando de bicicleta. Ao sairmos do carro, um moço veio nos atender, de pele morena, aparentando ter aproximadamente 26 anos, com dentes de ouro,

camisa xadrez, calça jeans com cinturão de couro, fivela, sapato e chapéu, estilo *cowboy*.

As ciganas estavam cozinhando em um fogão improvisado no chão, com tijolos e grade. Ao mesmo tempo em que nos observava, uma cigana se propôs a conversar, porém, o moço olhou para ela e pediu que se retirasse, falando em outra língua. Ele nos comunicou que para conversar com elas precisava da autorização do pai dele, que é o chefe do grupo e não estava ali no momento. Pediu que voltássemos outro dia.

A segunda visita ao acampamento dos ciganos nômades foi na zona leste de Mogi Mirim, porque eles haviam se mudado. Este bairro é pobre sem infra-estrutura, de difícil acesso porque as ruas são de terra e cheias de buracos. No bairro há muitos terrenos vazios, as casas dos moradores são simples, numerosas e sem muros. Chegando em frente ao acampamento, observamos as mulheres cozinhando com uma panela de pressão em um fogão improvisado no chão, com tijolos, carvão e uma grelha. Nesse mesmo terreno tinha uma grande barraca e ao fundo uma construção pequena. As ciganas estavam cheias de pulseiras, ouro e saias rodadas e coloridas; os homens possuíam cordões de ouro no pescoço e os que estavam sem camiseta mostravam tatuagens pelo corpo. As barracas são aparentemente organizadas com os utensílios domésticos e pessoais; eram três terrenos com quatro tendas armadas. As tendas eram de lona laranja com o teto azul e preto, e na rua estavam estacionados alguns carros.

Em um terceiro encontro fomos recebidas pelas ciganas do acampamento. Ao chegarmos, em um das primeiras tendas estavam Bromélia e Margarida, com um neném de 2 meses no colo. Por estar ventando no dia, elas estavam sentadas em uma madeira, onde à noite é colocado colchão e é utilizada como cama; é o único lugar da tenda em que os lados são cobertos por lona, impedindo a passagem do vento. Aos poucos foram chegando crianças, entre 5 a 7 anos. Bromélia fumou por diversas vezes. Em sua tenda tinha um fogão no chão, feito de tijolos e grade e estava com brasas. No canto, uma mesa de madeira, com as panelas de alumínio arrumadas por tamanho, todas brilhantes; ao lado da mesa, um panelaço de alumínio com água potável dentro. Na parte da tenda que era coberta existia um fogão com um bujão de gás, ela estava cozinhando mandioca. No fundo da tenda, onde é coberto, também havia cobertores e roupas, todos embrulhados com sacos plásticos. O chão de terra era batido, nivelado e limpo. Nas tendas não existe pia, água encanada, nem mesa. Tudo é feito de forma primitiva. Eles não têm mobília nem acesso a energia elétrica.

Os dados da pesquisa de campo foram organizados da seguinte forma: a cultura dos ciganos de Mogi Mirim; o processo de aculturação, o preconceito em relação ao povo cigano.

### 5.2.1 A CULTURA DOS CIGANOS DE MOGI MIRIM

Rosa foi questionada sobre a origem de sua família, e respondeu: “Ah, não sei a origem não, sei que minha família veio de Minas, faz uns 7 anos que tamo morando aqui, eu vim pra cá depois de grande”. Ela ainda respondeu: “Aqui mora tudo junto, eu meu marido, meus filhos, noras, genros e netos; os mais velhos mandam nas crianças, elas às vezes obedecem, às vezes não”.

No acampamento, Bromélia respondeu: “Só sei da minha família, a origem da minha família é de Minas, nós tá aqui uns 10 anos, eu tinha casa mais tive que vendê pra tratá do meu marido que tá doente. A gente não é cigano legítimo que vende tacho de cobre, a nossa prosa é diferente da deles, tem muitos tipos de ciganos, mais nois não tem amizade com eles não. Aqui é só a nossa família. A gente não pede esmola, não lê a sorte, quem faz isso são outras ciganas”.

Os ciganos, para Rossi (2007), pensam em si próprios de forma fragmentária. Cada cigano tem uma forte identificação com seu grupo familiar ou com as famílias que têm o mesmo ofício. Mas, não existe uma identidade única entre todos os ciganos.

As ciganas foram questionadas se lêem a mão nas praças, no centro da cidade e negaram esse fato, afirmando serem ciganas de outro grupo, que vem de Itapira/SP e com as quais eles não se relacionam. Cravo afirmou: “A gente é mestiço [...] A minha família tem uma tenda e uma casa, mais a gente prefere dormir na tenda.”

O termo cigano não designa as comunidades por nomes que elas próprias dão para si. Para Rossi (2007), ele designa uma abstrata imbricação de comunidades ciganas. Na realidade, não existem ciganos, mas sim diversas comunidades que são historicamente diferenciadas, chamadas de comunidades ciganas, mantendo relações de semelhança ou dessemelhança umas com as outras.

Bromélia foi questionada sobre o que mudou para os ciganos nas diferentes épocas, e ela respondeu: “No meu tempo de criança, nós andava de cavalo, durmia nas fazendas de conhecidos, perto de correço d’água, ficava um mês e depois ia pra outro canto. Era um grupo grande, mais sempre andamo em família; antes tinha mais festas, os homens negocia-

vam animais, tropas de cavalo, de burros, mais isso faz tempo que parou, faz uns 20 anos”.

Destacam-se, a seguir, aspectos da tradição do povo cigano, segundo Rossi (2007). O Código de Conduta Cigana, que tem o respeito à família como instituição suprema da sociedade cigana; amor aos filhos, consideração e respeito aos velhos; hospitalidade com alegria; honrar a palavra dada e fidelidade à Lei cigana; liberdade como condição natural da vida; solidariedade para com membros da etnia cigana e cumprimento das decisões tomadas pelos maiores.

Em outra fala de Margarida pôde-se constatar alguns aspectos da cultura vivida pelo grupo: “Eu desde pequena uso roupa assim de cigana; oia minha filha pequena já usa vestido de cigana, só quando é bem criança usa calça por causa do frio, nois mulher só usa saia, vestido, sem mostrar barriga, nois comprapano e manda fazê. [...] Nois aqui é católico, reza terço, [...] na hora que gostar de alguém pode casar, eu casei com primo, tenho três filhos, [...] e se eu ficar viúva não vou casar mais, marido é um só. [...] Não pode casar com compadre, porque ele põe alma na criança, agora dia 13 vou batizá minha filha, ela tá com 2 meses, tem que batizá se não a criança fica arteira demais da conta, ai depois do batizado os padrinhos dão a comida e bebida pra festa”.

Bromélia enfatizou: “Sempre usamo roupa de cigano e ouro, rezamo terço pra Deus, eu não conheço santo de cigano, só Nossa Senhora. Prá casá tem que sê cedo, as meninas casa com 12 ou 13 anos, casa no civil e depois tem a festa. O mais velho aproxima o casal, a hora que a menina começa a ficar assanhada tem que casa, tem que casá virgem, se não fica grávida e já viu né! Na minha família nunca aconteceu isso... Agora aqui são tudo família, prá casá vai ser difícil, as crianças são tudo irmão, então, vai ter que conhecer gente de fora”.

Na antiga tradição, segundo Alexdeoxossi (2006), o casamento no grupo de ciganos, acontecia desde que as meninas eram pequenas, costumavam ser prometidas em casamento. Os acertos eram feitos pelos pais dos noivos, que decidiam unir suas famílias, o casamento representava a continuidade da raça, por isso o casamento com os *gadjé* (não ciganos) não era permitido.

Alexdeoxossi (2006) afirma que é pelo casamento que os ciganos entram no mundo dos adultos, assim, os noivos não podem ter nenhum tipo de intimidade antes do casamento. Quando o casamento acontece, durante três dias e três noites, os noivos ficam separados dando atenção aos convidados, somente na terceira noite é que podem ficar pela primeira vez a sós. Mesmo assim, a grande maioria dos ciganos no Brasil ainda

exige a virgindade da noiva.

O entrevistado Cravo deu ênfase à importância do casamento para os ciganos e também à união com pessoas não ciganas: “[...] pra casar eu quero uma cigana, mais se eu gostar de uma que não é cigana, eu caso também. Ai ela vem embora pra cá, morar comigo aqui, a gente pega e monta uma tenda pra nós. Mais as meninas tem que ser virgem, só as meninas os homens não.”

Rosa respondeu: “se os homens quisé ter outras mulheres pode, mas daqui pra fora.[...] Pra casar pode ser com quem o cigano gostar, e a família tem que gostar também; na hora de casar é no civil e na igreja, ou as vezes pode até se morar junto se não quiser casar.”

Segundo Brasil (2009), no dia 24 de maio de 2007 pela primeira vez no Brasil foi comemorado o Dia Nacional do Cigano, e foi escolhida essa data, por ser a data de *Santa Sara*, a padroeira dos ciganos.

Lembrando Rossi (2007), todos os anos, no dia 24 de maio, *Saintes Maries de La Mer*, uma cidade francesa, recebe mais de dez mil ciganos, vindos de todos os lugares do mundo. Segundo Rossi (2007), sempre foi assim, seguiam de carroças e hoje de carros, aviões. Neste dia todos os ciganos devem vestir roupas que contenham tons dourados e avermelhados, as mulheres devem usar no corpo ou no cabelo, uma rosa. Eles rezam a seguinte oração:

[...] Minha doce Santa Sara Kali, Tu que és a única Santa Cigana do Mundo, Tu que sofrestes todas às formas de humilhação e preconceito, Tu que foste amedrontada e jogada ao mar, Para que morresse de sede e de fome. Tu que sabes o que é medo, a fome, a mágoa e a dor no coração. Não permitas que meus inimigos zombem de mim ou me maltratem. Que tu sejas minha advogada perante à Deus. Que tu me concedas sorte, saúde, paz e que abençoe a minha vida. Amém [...] (ROSSI, 2007, p. 173).

Os ciganos Cravo, Margarida e Bromélia, foram questionados se sabiam que Santa Sara era considerada a Santa dos Ciganos e eles disseram não saber. Eles disseram ser devotos de Nossa Senhora Aparecida e de pertencerem à igreja católica. Enfatizaram a importância do batismo, e que de modo algum a mãe da criança pode ter uma relação com o padrinho, ou seja com o compadre. Há um grande respeito pelo batizado e pela figura dos padrinhos. Margarida afirmou que: “se na nossa cultura nós aceitarmos uma relação entre os pais da criança e um dos padrinhos, somos mula sem cabeça, e podemos pular do penhasco.”

Segundo Alexdeoxossi (2008), uma criança é sempre bem vinda entre os ciganos. A mulher cigana é considerada impura durante os quarenta dias de resguardo após o parto. O batismo pode ser feito por qualquer pessoa do grupo e consiste em dar o nome e benzer com água, sal e um galho verde. O batismo na igreja não é obrigatório, embora a maioria opte pelo batismo católico, pois os ciganos se adaptam facilmente as religiões dos países onde permanecem.

Indagou-se sobre a questão da violência contra a mulher ou a criança e Margarida respondeu: “Nóis quando casa se respeita, sai uns gritos de vez em quando, um fala mais alto que o outro, mais sem bater, só se a mulher for safada, não obedecer o marido, aí apanha. Nóis fica em casa, não sai pra festas na cidade, não pede na rua, só cuida das crianças.” Bromélia disse que as crianças fazem muito barulho e que estão sempre na tenda dela, mas obedecem aos mais velhos e não são mal tratadas pelos adultos.

Constatou-se pela fala da cigana Margarida que a mulher é totalmente submissa ao homem. Elas só ficam nas tendas, cuidando dos filhos e do serviço doméstico; não têm aproximação com outras mulheres que não sejam do grupo, não possuem vínculos de amizade. Quem sai do acampamento ou casa são os homens e os seus filhos homens, tanto para festas como para os negócios.

Bromélia relatou que na tenda dela os netos estão sempre rodeando, conversando, brincando e pedindo coisas para comer: “Aqui cada um tem sua tenda, faz sua comida, mas se quisé come tudo junto pode também; às vezes eu quero descansá e os netos fica tudo junto, aí não tem como. Já morei com filho meu que tem casa, mais não dá certo não, prefiro ter meu cantinho, morar com nora não dá certo, prefiro morar em barraca”.

Rossi (2007, p. 76), enfatiza o costume dos ciganos de contarem suas histórias familiares “Imagine-se, agora, em torno de uma grande fogueira cigana. Ouviremos os ciganos, ouviremos suas histórias, suas memórias, ouviremos a sua leitura de mundo, ouviremos o silêncio que por muitos momentos presentificou a saudade [...]”

## 5.2.2 O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO

Trata-se do processo de aculturação, no qual um determinado povo com sua identidade cultural absorve costumes e valores de outro povo. Rosa afirmou: “A mãe vivia viajando, eu já viajei muito, as policias impli-

cava, queria tirar a gente dos terrenos; hoje eu moro em casa é melhor, nós faz festas prá natal, ano novo, terço, casamento, aniversário, e de presente de aniversário eu gosto de ganhar pulseiras, sabonete e presente a gente não pede né, o que ganhar é bem vindo”.

Bromélia respondeu: “Antes noís casava cedo, casava virgem e não separava; hoje se não gosta mais separa. Eu sou casada faz uns 60 anos, eu tenho 75 anos e ele 78 anos, junto noís temo 9 filhos. Antes as mulheres obedeciam mais os maridos, hoje não, fala o que quiser falar, o povo antes era mais merecido, mais educado, hoje os homens são mais safados.” Ela disse que sentia saudades do tempo em que tudo era mais educado e merecido.

Sobre o processo de integração social deles, Margarida disse: “Eu tenho documentos, meus filhos vão no postinho aqui do bairro, nós faz tudo certinho. As crianças não vão na escola, tem aula particular, vem pessoas aqui duas vezes por semana, eu tenho medo de deixar eles sair daqui”.

Margarida disse que não são todos os ciganos que têm documentos, e não são todas as crianças que frequentam a escola.

Sobre as atividades das mulheres, Bromélia respondeu: “Antes e até hoje, mulher não sai pra trabalhar não, noís fica em casa cuidando das crianças, ariando panelas, fazendo comida. Só sai pra ir no centro comprar alguma coisa, quando precisa. [...] As mulheres têm que obedecer os maridos, mas antes obedecia mais, hoje é diferente, é mais difícil pra criar os filhos, os meus eu já criei, mais os meus netos tão ai; é mais difícil porque tem violência, agente se preocupa mais, e cada um sabe o que faz e o que é melhor pra si. [...] Hoje eu tenho documentos, antes era só a certidão, hoje tenho aposentadoria, noís temo que votar, as mulheres tomam remédio pra não engravidar, injeção, por que se não vai ficar difícil, como faz com um monte de filho”.

Segundo Rossi (2007, p. 76), muitas pessoas que não são ciganas não sabem que a vida de um cigano é uma vida difícil. “Nós cozinhávamos de cócoras, lavávamos roupas da mesma maneira, nossa cama era um tapete; ali na barraca fechada, dormiam pais e filhos, todos juntos [...]”.

Apesar de todas as mudanças adquiridas pelos ciganos em sua cultura e costumes, as mulheres ainda são totalmente submissas aos homens. Uma adolescente não cigana, mas que vive no acampamento respondeu: “Eu tô morando com os ciganos faz uns nove meses, parei de estudar, conheci meu namorado, fiquei dois meses com ele e vim morar aqui. Eu gosto de morar aqui, é melhor do que morar na minha casa, já me acostumei e aprendi falar e viver como eles” (FLOR DE LÓTUS).

O costume, como dos dentes de ouro, que eles valorizam, mas não sabem dizer o significado, hoje é uma questão de gosto pessoal: “Nóis não lê a sorte não. Isso era antes no tempo da mãe, em Minas a gente colocava dentes de ouro, hoje se quiser pode pôr, mais não é obrigado, não” (ROSA). Margarida afirmou que “Hoje é tudo questão de gosto, vão por dente de ouro se quiser pôr, se não quiser, não tem problema”. Segundo Rossi (2009), os ciganos de origem *calón* usam dentes de ouro, eles são os únicos que possuem este costume entre os ciganos.

Sobre a vida social da família, Rosa respondeu: “Aqui nós acompanha TV, rádio, novelas; eu voto aqui em Mogi; nós usa o postinho do bairro, as crianças tomam vacina, vão na escola; antes nós não ia não. Eu não sei ler e escrever, antes mudava muito de cidade, hoje elas consegue ir pra escola”.

Na entrevista no acampamento, Bromélia disse: “Agora nós não sai mais daqui, já tamo construindo as casas, o terreno nós compra e fica, só sai quando vai visitar parente em outra cidade. As roupas nós manda fazer e depois manda lavar na vizinha, aqui não tem onde lavar, não tem rio nem córrego, mais a gente paga certinho pra elas”.

Observa-se que Rosa valoriza a importância de se fixarem em um lugar, de residirem em casa de alvenaria. Ela, seus irmãos e filhos jovens não sabem ler e nem escrever, nunca frequentaram a escola. Há cerca de dez anos eles ainda não haviam se fixado, mudavam-se constantemente de uma cidade para outra, morando em tendas. Hoje os seus netos vão à escola e os benefícios de morar em uma casa são vários, como os relatos por ela.

Bromélia afirma que ela e seus filhos não pretendem sair do município. Saem só para passear, pois já criaram vínculos e precisam usar os recursos de saúde para tratamento de seu marido, que é idoso e está muito doente.

Dois vizinhas dos ciganos foram entrevistadas para identificar como elas se relacionavam com eles. Orquídea respondeu: “Eu moro há 16 anos no bairro, e faz aproximadamente sete anos ou mais que a família cigana se fixou aqui. Morei durante quatro anos na mesma rua que eles, eles chamam a gente pelo menos duas vezes ao ano pra rezar terço pra Nossa Senhora. Já fui na casa e no acampamento, toda vez somos bem recepcionados, com muita comida e bebida. Os homens falam mais do que as mulheres, elas são mais reservadas, não gostam de falar sobre a vida particular; já as crianças ficam o tempo inteiro perguntado onde a gente mora, se temos filhos, a idade, são super curiosos”.

A relação entre os vizinhos e os ciganos aparentemente é normal.

Essas mulheres relatam que sempre que vão até o acampamento para rezar terço, as ciganas não participam na oração, ficam quietas observando, conversam somente entre si. Mas, ao contrário das mulheres, nestas ocasiões as crianças e os homens não param de falar. Elas relatam que os ciganos que moram na vizinhança são pessoas educadas, nunca as trataram de forma preconceituosa ou sem respeito. “Sempre morei aqui no bairro, estou aqui há cerca de 30 anos. Os ciganos está há tempos também, mas o grupo nômade faz um pouco mais de quatro anos, eles viviam mudando. A relação com os vizinhos é normal, cada um na sua, todos têm respeito uns pelos outros, e eles sempre me chamam pra rezar terço, e sempre vou com mais vizinhas do bairro” (LÍRIO).

### 5.2.3 O PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO POVO CIGANO

Todo o processo de formação de preconceitos contra os ciganos para Baçan (1999), se dá porque as pessoas imaginam que, em função do nomadismo e do sentido de liberdade, os ciganos tenham costumes dissolutos, que podem chocar as pessoas de costumes mais rígidos.

Cravo afirmou: “Já estudei quando morava em Ribeirão, sei lê e escrever, e não tenho vontade de estudar mais não, [...] não gosto de ver jornal, às vezes vejo novela. [...] Nós menino vai nas festas, nos bares, sai pra andar na cidade, conhece as meninas brasileiras, fica com elas. Tem pessoas que tem preconceito, olha estranho, comenta, acho que tem medo da gente; a hora que eu vou ficar com uma menina já pergunto se tem preconceito, se tiver, tô fora (sic), se não vamo embora. Eu não tenho preconceito com quem não é cigano, a gente é tudo igual, só muda as roupas”.

Segundo Queiroz (1996), tudo o que é diferente assusta, vai trazer um grau de curiosidade, em outras pessoas pode gerar medo ou simplesmente desprezo, assim já está sendo estabelecido um preconceito sobre algo que não conhecemos a verdadeira origem histórica.

No acampamento Bromélia disse: “Aqui agente se dá bem com os vizinhos, sempre fui tratada bem, quando vou comprar, na igreja, no hospital; esses dias meu marido ficou internado, fui lá e eles me trataram bem, quando nós vai no postinho também. (...) Os meus filhos, vocês tem que ver como é que eles têm amigos, conhece bastante gente, quando tem festa aqui vem gente de fora, os homens daqui vão nas festas de lá, mais nós mulher, não.”

Segundo Bromélia as pessoas que convivem com eles já são acostumadas e os tratam com naturalidade. Seu marido ficou internado

e ela usa freqüentemente os recursos de saúde. “Meus filhos são muito conhecidos e são recebidos em todos os lugares”. Cravo disse que não tem problemas em freqüentar bailes, festas e convive muito bem com as mulheres.

Rosa afirmou que “Tem gente que trata normal. Eu não ligo quando tem gente que olha torto, cada um é de um jeito, o que muda é o nosso jeito de se vestir”.

Segundo Baçan (1999), alguns ciganos não se importam de se vestir com andrajos, não dispensam os enfeites comuns e vistosos, próprios de sua tradição, eles se sentem à vontade dessa forma. “No começo, quando os ciganos começaram a morar no bairro, eu e os vizinhos tinha medo deles brigarem entre eles mesmo e sair tiros, sei lá a gente não conhecia os costumes deles direito e todas as festas que tinham acabavam sempre com brigas e discussão. Com o tempo, os vizinhos se acostumaram, a família cigana é muito reservada, principalmente as mulheres, mas depois que fazem amizade pra valer, entram na sua casa sem pedir licença” (ORQUÍDEA).

Uma vizinha dos ciganos afirmou: “Há preconceito sim, algumas pessoas têm medo, e as nossas crianças também. O ruim da vida que eles levam, de mudar sempre, é que as crianças não estudam direito” (LÍRIO).

Observou-se, pelas entrevistas, que alguns ciganos afirmam que não sentem preconceito dos outros e interagem de forma natural nos lugares em que convivem; e para as entrevistadas Rosa, Bromélia e Margarida a única diferença são as roupas que elas usam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica procurou aprofundar aspectos da história e da cultura do povo cigano. Através do relato dos entrevistados, pode-se identificar fragmentos da história cotidiana vivida por eles. Os depoimentos dos sujeitos de pesquisa revelam o pouco conhecimento que possuem sobre a história de seu povo, revela o modo como vivem, como se relacionam, como se vêem diante dos outros.

Os ciganos entrevistados dão grande valor à família, à solidariedade entre eles. Eles são unidos em torno da família extensa com regras hierárquicas de autoridade familiar. Destaca-se que segundo os entrevistados, num futuro muito próximo, as crianças e adolescentes se juntarão, para um projeto de construção de novas famílias, com pares não ciganos, os *gadjé*, porque já não há outros ciganos (sem grau de parentesco) entre

eles para se casarem. E, com isso, o processo de aculturação se processa mais rapidamente.

Alguns costumes do grupo cigano vão se perdendo pela influência das próprias mudanças históricas que afetam toda a sociedade brasileira. Eles sofrem as influências dos meios de comunicação, da tecnologia, da sociedade de consumo, dos valores dominantes vigentes, dos costumes e comportamentos da atualidade. Eles, também, já estão se associando com pessoas não ciganas para comporem seus pares, pessoas que vão se agregando ao grupo de ciganos, trazendo novas influências ao grupo familiar. Mas, ainda assim, os entrevistados mantêm hábitos e costumes das famílias ciganas, preservam e valorizam sua cultura, seu modo de vida e a união do grupo familiar.

Dados de pesquisas apresentados mostram que ainda há vários obstáculos de acesso aos documentos de identificação civil obrigatórios, de acesso à saúde pública, ao ensino e à permanência na escola. Além disso, existem as dificuldades relativas à inclusão social e cultural e à preservação das tradições, das práticas e do patrimônio cultural do povo cigano.

De acordo com o secretário Mamberti (2007), da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, o Grupo de Trabalho da Cultura Cigana é responsável pela indicação de políticas públicas nesta área e esse trabalho é desenvolvido em parceria com os povos ciganos. O Grupo de Trabalho da Cultura Cigana visa promover propostas de políticas que favoreçam a inclusão sociocultural dos ciganos em todo o país, tendo em vista a integração social e a promoção dos direitos das comunidades ciganas. Os trabalhos desta Secretaria também buscam dar visibilidade e acessibilidade para as atividades e produtos artístico-culturais, lembrando que estes artistas não desfrutam do acesso aos incentivos culturais, isso ocorre por falta de políticas públicas e, também, por falta de estruturação jurídico-social em torno da questão do povo cigano.

Destaca-se, assim, a importância de se conhecer a cultura cigana e contribuir, dessa forma, para a superação dos preconceitos ainda presentes na sociedade, bem como para divulgar e fortalecer o processo de inclusão social dos ciganos através de políticas públicas que favoreçam a valorização da cidadania, a integração social e o respeito à diversidade cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, J. D.. **Ciganos, Senhores e Galhardos**: Um estudo sobre percepções e avaliações intra e intergrupais na infância. Dissertação (Mestrado em Psi-

ciologia Social). ISCTE, Lisboa, Portugal, 2003.

ALEXDEOXOSSI. **O Povo Cigano** – dezembro de 2006. Disponível em: <<http://povodearuanda.wordpress.com/2006/12/12/o-povo-cigano/>> Acesso em outubro de 2009.

ALEXDEOXOSSI. **Preconceitos Contra os Ciganos**- janeiro de 2008. Disponível em: <http://povodearuanda.wordpress.com/2008/01/07/preconceitos-contra-os-ciganos/> Acesso em outubro de 2009.

BAÇAN, L. P. **Ciganos, os filhos do vento**. A casa do Mago das Letras. LPB Edições. 1999.

BAPTISTA, D. M. T.. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. **Cadernos do núcleo de Estudos e pesquisa sobre identidade**. NEPI, PUC/ SP, nº 1, 1994.

BARSA. **Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações**. São Paulo, 1998.

BRANDÃO, C. R.. **Identidade e etnia, construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Seminário Internacional sobre a Diversidade Cultural. Diversidade Cultural em debate. Brasil, 2007. Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/foruns\\_de\\_cultura/diversidade\\_cultural/eventos/seminario\\_internacional\\_sobre\\_a\\_diversidade\\_cultural](http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/diversidade_cultural/eventos/seminario_internacional_sobre_a_diversidade_cultural)>. Acesso em maio 2009.

BRITES, C. M.; VASCONSELLOS, I. P.; SANTOS, L. S.; SILVA, M. C. P. A importância da reflexão ética na formação do profissional de Serviço Social. In: BONETTI, D. A (org) *et al.* **Serviço Social e ética: convite a uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2007.

CARDOSO, C. M.. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade**. Editora UNESP- Universidade Estadual Paulista, Brasil, 2003. Disponível em: <[http://www.pucp.edu.pe/ira/filosofia-peru/pdf/arti\\_filo\\_latino/tolerancia.pdf](http://www.pucp.edu.pe/ira/filosofia-peru/pdf/arti_filo_latino/tolerancia.pdf)>. Acesso em julho 2009.

CEFESS - CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Código de Ética do Assistente Social, Resolução nº 273**, 13 março de 1993.

CHIZZOTTI, A.. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

DINIZ, T. M. R. G. Pesquisa em serviço social: análise das implicações metodológicas no estudo de caso. **Cadernos do Núcleo de Estudos e pesquisa sobre identidade**. NEPI, PUC/ SP nº 1, 1994.

DUARTE, E. C. F; ZAMPA V.. **O Arquivo Nacional e História Luso-Brasileira, Ciganos**. Rio de Janeiro 2003. Disponível em: <<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em fevereiro de 2009.

FERREIRA, A. B H.. **Novo Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MAGANO, O. Percursos de integração social de indivíduos de origem cigana: alguns dados preliminares. **VI congresso Português de Sociologia**. Mundos sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de ciências sociais e humanas. Junho de 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/140.pdf>>. Acesso em outubro 2009.

MAMBERTI, S.. Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC). Brasil, 2007. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>> Acesso em maio de 2009.

ORTIZ, R.. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

PAIVA, B. A.. A ética profissional nos anos 90: Contribuições ao 7º CBAS. In: BONETTI, D. A (org) *et al.* **Serviço Social e ética: convite a uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2007.

PEREIRA, M. E.. **Psicologia Social dos Estereótipos**. São Paulo: E.P.U (Editora Pedagógica e Universitária), 2002.

QUEIROZ, R. S.. **Não vi e não gostei o fenômeno do preconceito**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

ROCHER, G.. **Sociologia Geral - A Ação Social**. Editora Presença, Lisboa, 1999.

ROSSI, R.. **Ciganos: peregrinos do tempo, ritual, cultura e tradição**. Relatório para qualificação ao Doutorado. UNICAMP, Campinas – S.P, 2007.

\_\_\_\_\_. Entrevista ou similar com a autora no Centro Universitário Salesiano (UNISAL) de Americana/SP, em outubro de 2009.

SANTOS, J. L.. **O que é Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SARRIERA, J. C.. Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo. *In*: SARRIERA, J.C. (org). **Psicologia Comunitária Estudos Atuais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

SARTI, C.A.. Famílias enredadas. *In*: ACOSTA, A..R; VITALE, M.A.F. **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: IEE/PUC-SP, 2003.

BRASIL. Seminário Internacional sobre a Diversidade Cultural. Diversidade Cultural em debate. Brasil, 2007. Disponível em: <[http://www.cultura.gov.br/foruns\\_de\\_cultura/diversidade\\_cultural/eventos/seminario\\_internacional\\_sobre\\_a\\_diversidade\\_cultural](http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/diversidade_cultural/eventos/seminario_internacional_sobre_a_diversidade_cultural)>. Acesso em maio 2009.

SILVA, K. R. M.. **A Concepção do Adolescente em Conflito com a Lei sobre os Valores da Sociedade de Consumo**. TCC do Curso de Serviço Social, sob orientação da Profª Me. Margareth M. Pacchioni. UNISAL: Americana/SP, 2006.

SPECTRON. **Os Livros Apócrifos**. Disponível em: <<http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/livros/apocrifos>>. Acesso em janeiro de 2009.

STRADA. **Encontro para a Nova Consciência**, 7ª edição, fev. de 1998, Campina Grande – PB. Palestra apresentada pela Cigana Strrada (do clã Kalon). Disponível em: <<http://www.salves.com.br/gyphist.htm>>. Acesso em outubro de 2008.

SUNG, J. M.; SILVA, J. C.. **Conversando sobre ética e sociedade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

TEIXEIRA, R. C.. **Histórias dos Ciganos no Brasil**. Recife, Núcleo de Estudos Ciganos, 2007. Livro Digital. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/ciganos02html>> Acesso em fevereiro de 2009.

WARNIER, J.P. **A Mundialização da Cultura**. Editora da Universidade do Sagrado Coração. Bauru/ SP: EDUSC, 2003.